

Minha experiência de intercâmbio na Universidade Complutense de Madri

Quando chegou até meu e-mail o anúncio de que estavam abertas as inscrições para a Bolsa do Santander para Portugal, Espanha e América Latina, eu nem imaginava que conseguiria de fato ter essa experiência. No anúncio que chegou, com 20 vagas pra graduação da universidade toda, a possibilidade de que o intercâmbio pudesse de fato acontecer, me parecia muito remota.

Na verdade, desde algum tempo antes de 2007 (ano em que eu fui para o intercâmbio), eu já havia investigado quais maneiras existiam de estudar por seis meses ou um ano em alguma universidade fora do país, mas naquele momento todas as bolsas que eu encontrei incluíam apenas uma isenção das taxas cobradas pelas universidades (já que em quase todos os países pelos quais eu me interessei, as universidades, mesmo as públicas, cobravam algum tipo de taxa pelo ensino), mas não incluíam nenhuma ajuda de custo para moradia, alimentação, passagens, etc. Então, diante desse quadro, me parecia impossível conseguir mesmo fazer um intercâmbio, já que eu não tinha o dinheiro para os gastos da viagem e da vida cotidiana lá e em geral é muito difícil conseguir viabilizar condições pra trabalhar nos países que me interessavam.

No entanto, a Bolsa do Santander oferecia algo naquele momento bastante novo, pois nos garantia tanto a isenção das taxas de ensino como uma ajuda de custo para passagem e para alimentação e moradia.

Mesmo assim, diante dessa nova possibilidade, quando divulgaram a época de inscrições, eu estava em um momento do curso mais avançado, já no quarto ano, envolvido com vários projetos e grupos aqui e não tinha certeza de se era o melhor momento para fazer um intercâmbio, se o ideal não era terminar a graduação e deixar pra estudar fora do país quando eu estivesse na pós, etc.

Fiquei com essa dúvida e por causa dela não me inscrevi de imediato. Fui deixando passarem os dias, como se a passagem do tempo fosse me aclarar a melhor escolha. E assim chegou a véspera do último dia de inscrição e eu ainda não havia decidido nada, nem feito o meu projeto (na época era preciso entregar um projeto citando a universidade escolhida, as disciplinas que eu cursaria e uma justificativa para essa escolha da universidade e das disciplinas), nem providenciado os documentos necessários pra inscrição. Passei a noite praticamente toda em claro, pensando se deveria me inscrever ou não (eu sabia que se eu me inscrevesse e passasse na seleção, eu não conseguiria recusar ir, então eu tinha que tomar a decisão naquele momento, não podia me inscrever e deixar pra decidir depois – ao menos era como eu pensava). Enfim, ao final daquela noite eu decidi que não era o melhor momento, que não deveria me inscrever agora, mas deixar pra pensar nisso depois de me formar.

No entanto, no dia seguinte, de manhã bem cedo, conversei com uma amiga que também pensava em se inscrever, mas não havia feito o projeto dela, e comecei a encorajá-la pra que fizesse (óbvio que falando com ela, era como se eu estivesse falando comigo também) e fiz um meu também. Decidi meio que naquela hora que me inscreveria. Deu tempo de entregar os documentos e o projeto quase na hora em que a secretaria estava fechando...

Estava em dúvida também se deveria escolher fazer o intercâmbio na Argentina, que parecia oferecer uma formação muito mais relacionada com os meus interesses e com o que eu gostaria de estudar, ou se fazia na Espanha, que oferecia disciplinas menos interessantes, mas que é a terra do meu avô e um lugar muito significativo pra mim. Então, acabei encontrando uma universidade com algumas disciplinas que me interessaram bastante, não só na Faculdade de Psicologia, mas em outras unidades, e decidi me inscrever pra ir a Madri, para a Universidade Complutense, uma das mais antigas da Espanha.

E assim se passaram alguns meses de expectativa e incerteza quanto ao que planejava fazer no ano seguinte, enquanto eu esperava o resultado da seleção. No final das contas eu passei, e de repente me vi me preparando inteiro pra embarcar pra um país estrangeiro, morar

fora da minha cidade, da minha casa, da minha língua... enfim, pra todas as mudanças que se pode imaginar que um intercâmbio traz.

O processo pra conseguir o visto e pra ter certeza de que estava tudo certo pra minha ida foi bem conturbado. O consulado espanhol não aceitava os documentos dados pela própria universidade de lá, e também o convênio entra a UCM e a USP ainda não havia sido firmado... enfim, toda uma série de problemas foram aparecendo, mas ao final, as instituições todas envolvidas (a Pró-reitoria de graduação da USP, o Santander, a CCINT da USP) resolveram todos e garantiram minha ida. O visto, um pouco por uma questão de sorte, também saiu – ficou pronto no mesmo dia em que eu peguei o avião.

Esse tempo de preparação foi todo muito intenso, já que envolvia mil tipos de despedidas, deixar “na geladeira” alguns projetos e idéias, fechar algumas portas que eu esperava que estivessem abertas quando eu voltasse, interromper atendimentos, estágios, perder algumas disciplinas que dificilmente eu faria depois. Enfim, conforme as coisas iam acontecendo, eu ia compreendendo os diferentes preços dessa escolha – e acho que isso já foi uma lição inicial muito importante pra me preparar pra tudo o que eu aprenderia lá.

Cheguei então à Europa no começo de fevereiro de 2007. Primeiro desci em Lisboa e fiquei dois dias lá, pra aproveitar a escala do voo e conhecer a cidade, e depois, fui pra Madri, meu destino final.

A chegada a Madri foi bastante emocionante pra mim, acho que porque desde criança eu recebi aqui e ali diferentes referências sobre o que era a Espanha, nas histórias de família, nos filmes, na fala com sotaque de meu avô, nas comidas da minha vó e da minha mãe, em livros que eu lia, etc. Então, passear pelas ruas da cidade era ir reconhecendo um pouco um mundo já de certa forma antevisto, e ao mesmo tempo, ir descobrindo tudo o que havia de novo ali, entre uma coisa e outra já conhecida, encontrar o que realmente era aquele país. Grande parte das impressões, dos sentimentos e do que eu pensava nesse começo da viagem, eu registrei num blog, que naquele momento eu fazia mais como forma de me comunicar com meus amigos e família (o endereço do blog é <http://travessia07.blogspot.com>).

Uma semana depois da minha chegada a Madri, começaram minhas aulas na universidade. Nessa semana anterior, eu pude entender melhor como eu me matricularia nas disciplinas que eu queria, o que eu deveria fazer, qual era meu status institucional como intercambista – enfim, conhecer mais desse aspecto burocrático. Por sorte eu tinha um apartamento onde ficar nos primeiros vinte dias, que meu avô havia conseguido com a ajuda de um amigo espanhol, mas eu já devia também pesquisar os anúncios de apartamentos para encontrar um lugar em definitivo.

Eu poderia ficar aqui longamente falando de tudo que vivi nesse começo, mas já imagino que esse texto esteja longo demais. Quem tiver interesse em saber mais da minha vivência pessoal, pode ir ao blog e ler os textos publicados em 2007, de fevereiro a julho. Todos se referem às coisas vividas nessa viagem de intercâmbio, e todos traduzem bem meu ponto de vista sobre o que é estar em outro país, aprender outra língua, viver um cotidiano numa cidade diferente, etc.

O importante, eu acho, é dizer que a experiência de intercâmbio transcendeu muito os limites de uma experiência estritamente acadêmica. Na verdade, do ponto de vista acadêmico, da minha formação como estudante, foi uma experiência muito rica, porque me permitiu entrar em contato com uma forma de pensar a psicologia muito diferente da maneira como a psicologia é pensada no Brasil (ainda que eu continue preferindo a maneira como se pensa nosso campo aqui).

Alguns textos e autores que conheci ali foram bastante importantes pra eu formar meu jeito de pensar hoje. Mudaram muitos vieses um tanto estritos que eu tinha e me ajudaram a ampliar muito a minha maneira de entender a psicologia como campo de investigação e como profissão.

As disciplinas que eu escolhi eram quase todas voltadas para o campo da Psicologia Social (ainda que no projeto inicial eu pensei que faria algumas disciplinas na Psicologia Clínica

também – mas ao final, vi que os assuntos abordados não tinham nenhuma relação com o que me interessava estudar) e, abordavam a psicologia social de uma maneira bastante nova pra mim – problemática em alguns pontos, e muito interessante em outros. Acho que o tipo de textos que eu li e as discussões que eu tive me ajudaram até mais como profissional do que como estudante/pesquisador, já que me permitiram visualizar muito claramente uma atuação que ainda me parecia vaga, teórica e também ampliar muito o que eu concebia como campo de trabalho do psicólogo.

Por outro lado, para além do aspecto estritamente universitário, as experiências todas que o intercâmbio proporcionou foram de uma riqueza que eu nem teria palavras pra descrever bem. Por poder faltar a algumas aulas, eu consegui ficar algumas semanas numa fazenda no norte da Espanha, como voluntário (um sistema comum na Europa e presente em todo o mundo, de trabalhar algumas horas numa fazenda, como aprendiz de alguma das tarefas de lá, em troca da alimentação e da estadia). Além disso, pude ao longo do tempo em Madri, fazer amizades muito profundas (quase todas fora da universidade inclusive).

A experiência de morar com dois nativos, um espanhol do sul e uma espanhola do norte da Espanha, foi também muito especial. Tínhamos muitas vezes várias conversas que começavam no jantar (o que na Espanha não costuma acontecer antes da 22h), e se estendiam até o amanhecer do dia seguinte. E o contato com eles, a troca que aconteceu e a experiência de descentrar nosso olhar sobre nossos países e sobre o mundo e de trocar pontos de vista muito diferentes sobre uma série de coisas me amadureceram demais. Além da própria experiência de morar fora da família, que pra mim também era uma experiência nova (o que incluía, cuidar da casa, lavar a roupa, fazer minha comida, etc.). Enfim, não tenho como medir todo o crescimento que eu vivi e como meu olhar sobre mim e sobre tudo o mais se transformou, se ampliou, se enriqueceu.

Não sei muito mais o que dizer. Talvez esteja parecendo que todo o tempo o intercâmbio foi uma coisa inteiramente ótima e que eu sempre tinha certeza de que valia a pena. E é evidente que isso não é verdade – em muitos momentos eu sentia muita falta de muitas coisas do meu país e do meu cotidiano e me sentia mal por não poder dar continuidade a muitas das coisas que eu tinha iniciado no Brasil antes de ir. Além disso, morar em outro país é sempre uma coisa difícil, em vários momentos angustiante, com muitas decisões pra serem tomadas sozinho, etc. Mas como experiência de crescimento, de ampliar os horizontes, de conhecer os lugares e as pessoas, de viajar (no final, eu fui viajar até pra Índia, realizando um sonho antigo), etc. vale demais e acho que merece ser vivida num momento como esse, em que estamos na faculdade e ainda descobrindo o que queremos fazer, quem queremos ser, que mundo queremos pra nós.